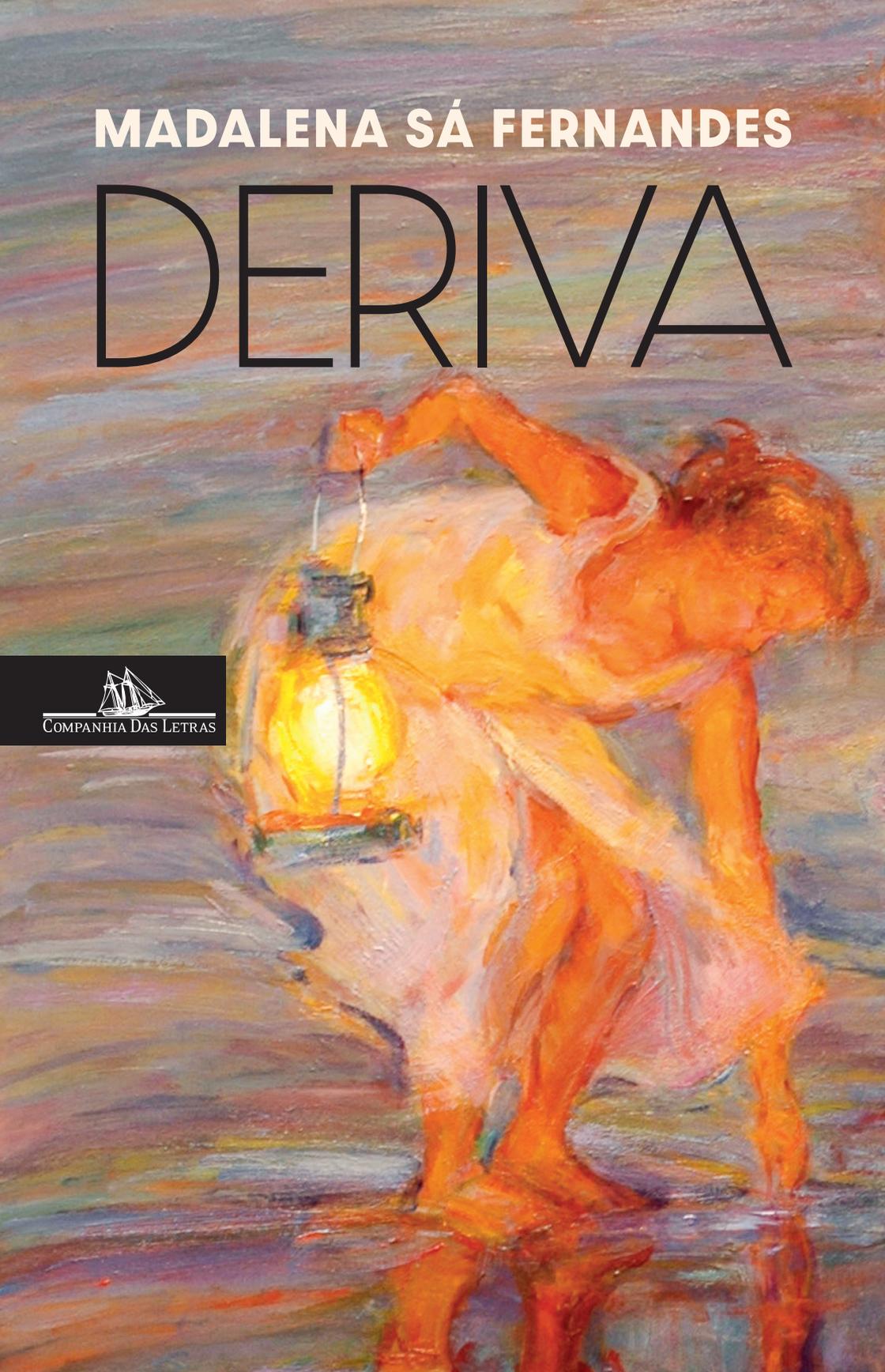


MADALENA SÁ FERNANDES

DERIVA



COMPANHIA DAS LETRAS



PREFÁCIO,

por Gregório Duvivier

«Não gosto das palavras / fatigadas de informar. / Dou mais respeito / às que vivem de barriga no chão / tipo água pedra sapo», diz Manoel de Barros, o autointulado «apanhador de desperdícios». E continua: «Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões.»

Tenho admiração profunda pelas pessoas que encontram beleza nos insetos. Particularmente, só consigo encontrar ódio. O que faz de mim mais palhaço que poeta. Mas não é o caso de Madalena Sá Fernandes.

Faz tempo que leio tudo o que Madalena escreve, de cá do outro lado do oceano. Ela consegue erigir uma ilha de poesia em meio ao oceano insosso das informações e análises. Cheios de artigos de opiniões inflamadas e análises sociopolíticas enfiadas, os jornais não atentam pros assuntos que realmente importam: há lugares que se chamam Miramar e onde não se pode mirar o mar. As pomadas pra melgas não são aplicadas diretamente nas melgas. Como pode um livro vender um milhão de cópias e continuar a se chamar *O segredo*?

Gosto da importância que Madalena dá às coisas sem importância alguma. Mas gosto sobretudo da desimportância que dá a si mesma, e confessa o inconfessável. Já trocou de clube. Faz entrevistas imaginárias a si própria. Ainda não conseguiu

perceber os NFT. Madalena irá se tornando, ao longo do livro, sua amiga de longa data. Humana, demasiado humana, sua franqueza comove, num tempo em que já ninguém parece jogar limpo.

«Todos meus conhecidos têm sido campeões em tudo.» Que sorte de Álvaro não ter vivido pra ver o Instagram. Aliás, que sorte dele não ter vivido de todo. Num mundo em que todos prometem explicar o inexplicável em poucos segundos, Madalena propõe o contrário: toma aqui um punhado de confusão e dúvidas. «Onde é que há gente no mundo?» Aqui mesmo. Madalena está farta de semideuses e assume ser tantas vezes reles, tantas vezes vil — num tempo em que a modéstia e a franqueza estão fora de moda. Na contramão dos *coachs*, confessa que não quer «trabalhar enquanto eles dormem», nem «chegar à melhor versão de si mesma», mas o contrário disso: «Quero comer bitoque.» Que alívio, em tempos de autopromoção e conteúdo inspiracional, alguém que almeja apenas ao bitoque. «Come bitoques, pequena. Come bitoques. Olha que não há mais metafísica no mundo senão bitoques. Olha que as religiões todas não ensinam mais que o talho.»

Essa aparente desimportância, claro, é uma estratégia — desculpem o *spoiler*. Madalena engana o leitor: faz parecer que estamos conversando sobre banalidades e, de repente, pumba, estamos fodidos pensando na especulação imobiliária, ou sobre como separar é fodido, sobre como é triste perder a avó. Madalena escreve sobre a morte de um jeito que dá uma vontade danada de viver. E taí o que mais gosto no livro da Madalena: ele nunca cai nas facilidades do niilismo. O humor, quando cáustico, por vezes tem esse problema: o humorista deita o bebê fora junto com a água da bacia. Nas crônicas da Madalena, o olhar ácido e corrosivo convive com a exaltação das melhores coisas

da vida, sem prejuízo a nenhum dos dois. Já dizia o Woody Allen: «A realidade é dura, mas ainda é o único lugar onde se pode comer um bom bife.» Pobre Woody, não conhece o bitoque!

AVÓ PETIT

E então era sexta-feira e eu ia na carrinha da escola, embora dali. Quando a carrinha (chamávamos-lhe carrinha, mas era um autocarro como os da Rede Expresso) se aproximava do cruzamento da Avenida de Roma com a Estados Unidos da América, eu, com a cabeça encostada ao vidro, procurava quem me aguardasse, com a expectativa melancólica de um marinheiro que regressa após meses em alto-mar e quer ver quem o receberá no cais.

Lá estava ela, ao lado de outras avós, mães, empregadas, e de um ou outro pai, que nos anos 90 destoava daquele conluio feminino. Um grupinho contente que olhava e acenava para a carrinha que chegava, como se fosse um carro alegórico no desfile de Carnaval.

Antes de dobrar a esquina, havia um instante de medo: medo de que tivesse acontecido alguma coisa e de que não houvesse lá ninguém à minha espera. Se por segundos não a via, o meu coração entrava em descompasso. «Ela não está ali.»

Mas quando distinguia a sua figura imperturbável, de chapéu na cabeça, ou de guarda-chuva, sentia-me aliviada e segura. O conforto de saber que era esperada.

A avó Petit lá estava, à porta do Café Luanda. Já fazia parte da paisagem, não existia para mim aquela esquina sem ela lá, de pé, pequenina e muito séria, à espera que da carrinha saísse a sua neta despenteada.

A carrinha parava com os quatro piscas ligados, o senhor Luís entregava-nos ao adulto correspondente com a eficiência de um fornecedor a descarregar mercadoria, e eu via surgir dentro das portas as luvas da minha avó, para me ajudar a descer as escadas.

Por vezes, fazíamos uma paragem para comer. Lembro-me das vitrines, embaciadas, dos bolos do Café Luanda, da esplanada suja, de comprar carteirinhas de cromos que colava nas cadernetas, das migalhas no canto da sua boca enquanto ela comia um queque, e lembro-me da sua mão cheia de anéis a mexer o chá com a colher que ia batendo na chávena. A avó Petit dizia que eu tinha herdado as mãos dela.

A seguir, dávamos as nossas mãos parecidas e começávamos o trajeto entre o Café Luanda e a casa dela, na Avenida Estados Unidos da América. Aquele caminho, que era curtíssimo, transformava-se numa autêntica peregrinação. Descíamos as escadas do metro e passávamos por baixo. A minha avó queria proteger-me de todos os perigos, especialmente da passagem furiosa dos carros, que se assemelhava à da manada de búfalos do *Rei Leão*.

Só percebi muitos anos depois que era possível atravessar aquela avenida pela passadeira dos peões. Até então, pensava que este caminho subterrâneo era o único. Que, para chegar a casa da minha avó, tínhamos de fazer uma gincana por entre moedas que se deitavam no chapéu do pedinte cego ou que se punham nas máquinas para comprar o passe, o senhor das lotarias, o sapateiro que ficava junto às escadas, a senhora cigana que vendia roupa e bonecos em cima de um pano estendido naquele chão que era áspero como uma lima das unhas e, ao mesmo tempo, cintilante, um éden de pastilhas elásticas esborrachadas.

Íamos em equilíbrio, de mãos dadas, atravessávamos a multidão, e recordo-me do espanto que era para mim aquele universo de encontrões e beatas pisadas nas escadas por homens de gravata apressados.

Aos poucos, fui crescendo e fiquei mais alta do que a minha avó. Os seus passos começaram a ficar cada vez mais lentos e, por vezes, demorávamos tanto tempo naquele percurso, que já estava quase escuro quando chegávamos.

A avó Petit começou a apoiar-se em mim; era eu agora quem a guiava pelo túnel escuro, e encarava a missão com solenidade.

Hoje, evito passar naquela esquina. É a coisa mais triste do mundo olhar para ali, e não é por causa do logótipo do Café Luanda, ou do seu toldo desbotado e decadente. É que, quando olho, só consigo pensar: Ela não está ali. Ela não está ali. Ela não está ali.

A SENHORA SOU EU

A primeira vez é a que dói mais. Na fila de uma repartição: «A senhora, se faz favor?» Olho para trás, em busca da tal senhora, que provavelmente ultrapassei sem querer, até perceber que não está ali mais ninguém e que é a mim que se dirigem. A senhora sou eu. Os meus ténis desbotados e a minha camisola de capuz já não bastam para atenuar a evidência.

No supermercado, outra vez. «Deixa a senhora passar», diz um rapaz a outro. Avanço, cabisbaixa, a sentir um ardor na garganta e um vazio existencial. Imagino-me cheia de laca no cabelo e com artroses.

Chegou o momento. Não se trata só do medo de envelhecer. À medida que me aproximo da idade das mulheres de Balzac, já contava que me fosse invadir a angústia de deixar a juventude para trás. O que não esperava é que este processo não se notasse só no espelho ou nos hábitos, mas também nas palavras. Esta forma de tratamento que assim se iniciou é a que me acompanhará até ao fim. De agora em diante, sou senhora. Senhora é um espectro que vai desde este momento até às derradeiras visitas no lar de idosos.

Não nascemos senhoras, tornamo-nos senhoras. Nasce-mos miúdas, pirralhas, meninas. E um dia, sem darmos por isso, somos senhoras. Qual será o momento em que passamos de um estado a outro? Qual será o indicador que anuncia ao inconsciente

coletivo que ascendemos a esta nova condição? Não é o penteado de cabeleireiro, meio cogumelo, porque esse já eu tinha aos dois anos de idade, e nem por isso era senhora. Também não são os saltos altos, porque já os usava nas saídas à noite aos dezasseis anos, e nem isso nem os quilos de maquilhagem, para meu desconsolo, me davam mais idade do que a que tinha. Também não é necessariamente a maternidade, embora esta possa contribuir para uma certa curvatura das costas e um afundar das olheiras que talvez me pesem.

Será uma ruga específica que despontou? Uma falta de noção da quantidade de perfume que uso? Um desalento nos olhos? Uma tendência maior para calças de cintura subida?

Senhora, para mim, acolhia várias aceções. Havia, claro, a Nossa Senhora. Mas também havia a Senhora Maria, de Tondela, e a expressão machista que ouço de vez em quando: «Ela é uma senhora.» Como quem diz: «Não é cá uma vadia.» Não me apazigua pensar que me aproximo de qualquer uma das três. Mas há um fator que as une: as três indicam que a pessoa em questão já não é uma menina.

Recentemente, em França, a dor que estava entorpecida voltou com toda a força: chamaram-me *madame*. Estava a conformar-me com o facto de já não ser menina, mas longe de pensar que também já não era *mademoiselle*. Não que alguma vez tenha sido *mademoiselle*, porque nunca vivi em França, mas um simples *madame* bastou para que eu fizesse o luto de todos os anos em que poderia ter sido *mademoiselle*.

Não há nada a fazer. Tornei-me senhora. Posso entrar em negação, posso assumir o papel, ou posso alternar de forma alucinada entre uma coisa e outra, que é o que tenho feito. Ora me sinto a caminhar com a elevação da rainha de Inglaterra, ora saltito como uma menina de onze anos. Ora cheiro e agito

Deriva

Um livro-puzzle, um álbum de recortes, um caderno de memórias, um conjunto de notas contra a voragem do presente, um louvor ao que mais importa na vida, um autoquestionário sem respostas certas sobre a idade adulta e o estado do mundo — assim é esta *Deriva*.

Das saudosas férias em família à dormida penosa numa cama com perceijos; da aprendizagem lenta da solidão ao ódio às festas de casamento que mais parecem carnavais; do martírio da insónia às árduas negociações entre mãe e filhas; da navegação cega pelas redes sociais ao poder conciliatório da literatura; da redescoberta da terapia ao reencontro com um primeiro amor: *Deriva* deambula por assuntos tão diversos e inesperados quanto o ângulo espirituoso ou afiado que Madalena Sá Fernandes escolhe para os abordar. Um livro que confirma a desenvoltura literária de uma escritora que, olhando para si mesma e para o que a rodeia, devolve a cada leitor uma espécie de reflexo no espelho.



«Faz tempo que leio tudo o que Madalena escreve, de cá do outro lado do oceano. Ela consegue erigir uma ilha de poesia em meio ao oceano inosso das informações e análises. [...] Gosto da importância que Madalena dá às coisas sem importância alguma. Mas gosto sobretudo da desimportância que dá a si mesma, e confessa o inconfessável. Já trocou de clube. Faz entrevistas imaginárias a si própria. [...] Madalena irá se tornando, ao longo do livro, sua amiga de longa data. Humana, demasiado humana, sua franqueza comove, num tempo em que já ninguém parece jogar limpo.»

GREGÓRIO DUVIVIER, *Prefácio*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897877551



9 789897 877551 >